



CAM ões

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



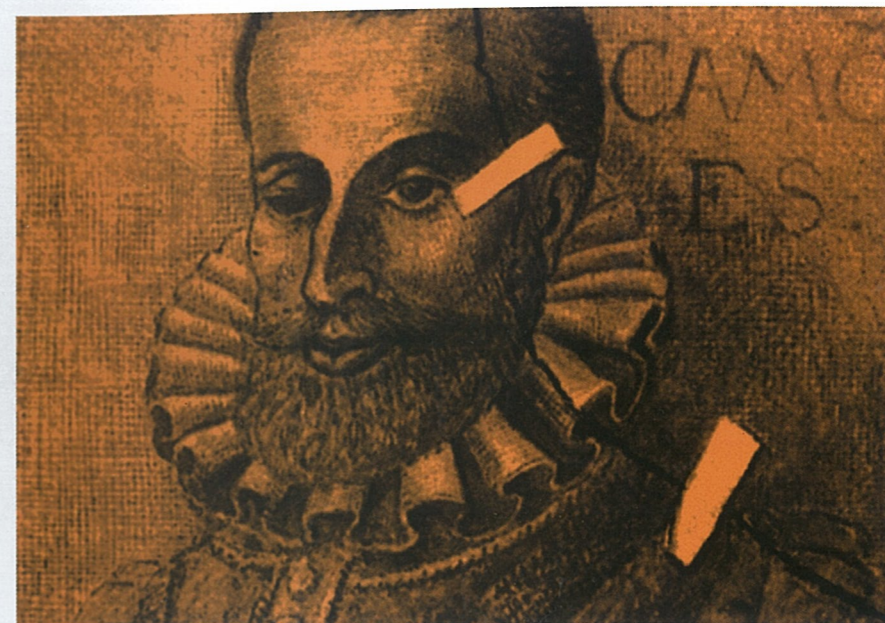
VÍTOR
AGUIAR E SILVA

CAMINHO

 www.leya.com	 www.caminho.leya.com	ISBN 978-972-21-2146-0
		 9 789722 1121460
DICIONÁRIOS		

DICIONÁRIO

DE



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões



DICIONÁRIO



LUÍS de
CAM ões

COORDENAÇÃO
VÍTOR AGUIAR E SILVA

CAMINHO

Título: DICIONÁRIO DE LUÍS DE CAMÕES
Coordenação: VÍTOR AGUIAR E SILVA
© Editorial Caminho, 2011
Coordenação editorial: Laura Mateus Fonseca
Revisão: Fernanda Fonseca, Laura Mateus Fonseca e Nuno Carvalho

Capa: design – Rui Rosa/Croquidesign
Ilustração da capa: *Retrato de Camões*, de Fernão Gomes (c. 1573)
Seleção iconográfica: Vítor Serrão
Paginação: Manuela Pinto
Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: CEM

1.ª edição
Tiragem: 2000 exemplares
Data de impressão: setembro de 2011
Depósito legal n.º 316 808/10
ISBN: 978-972-21-2146-0

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

Apresentação

Conceber, planificar e dar corpo a um *Dicionário de Camões* é um empreendimento complexo e temível, tal é a grandeza da obra do Poeta e de tal modo os estudos camonianos — ou a camonologia ou a camonística — têm acumulado e reelaborado, desde há mais de quatro séculos, notícias históricas e biográficas, indagações filológicas e histórico-literárias, análises e debates de natureza poetológica, juízos críticos, propostas hermenêuticas e reflexões filosóficas, políticas, teológicas, etc., sobre o Escritor que, logo a partir do último quartel do século XVI, se converteu na figura estelar do cânone da literatura portuguesa e cuja poesia, tanto a épica como a lírica, alcançou irradiação universal sobretudo desde o Romantismo e continua a fecundar outros poetas, a originar novas leituras e interpretações, a ser objeto de novas investigações filológicas e de novas reflexões ensaísticas. Por outras palavras, Camões é um clássico que tem sido moderno ao longo dos séculos, desde o Maneirismo e o Barroco até à nossa contemporaneidade, porque inúmeros leitores, em todas as épocas, têm lido admirativamente a sua obra e porque gerações sucessivas de escritores têm dialogado com a sua poesia, reescrevendo-a, refratando-a, reinterpretando-a, desvelando nela os seus próprios sonhos e desejos, os seus próprios espectros e demónios, as suas mágoas e melancolias. Como aforismaticamente escreveu Azorín: «en tanto en quanto los clásicos son capaces de reflejar nuestra sensibilidad moderna, son clásicos».

O domínio fundamental que o Dicionário contempla é naturalmente a obra de Camões, nos seus diversos modos, géneros e subgéneros literários, nas suas formas, nos seus significados e nas suas articulações filosóficas e ideológicas. Não se descurou a biografia do Poeta, sobre a qual têm sido urdidadas tantas conjeturas, mas o lugar central do Dicionário está ocupado pelas análises de vária índole do *corpus* textual camoniano, objetivo que pressupõe a clarificação, na medida do possível, do labiríntico problema dos textos autênticos e dos textos apócrifos da lírica de Camões. As questões

filológicas suscitadas pela tradição manuscrita e pela tradição impressa da obra camoniana, sobretudo no que diz respeito à lírica, mereceram também por isso especial atenção. Aquelas análises, sem prejuízo dos seus vectores linguísticos, estilísticos, poéticos, temáticos, mitocríticos, antropológicos, etc., assentam numa perspectiva histórico-literária *lato sensu* e inscrevem-se muitas vezes num horizonte comparatista, segundo as diversas iluminações heurísticas que o comparatismo pode proporcionar — e.g., Camões e Virgílio, Camões e Petrarca, Camões e Ariosto, etc., ou, no domínio das relações interartes, as articulações entre a poesia e a música, a poesia e a pintura, a poesia e as artes plásticas, em geral.

Como contributos para a construção, sempre precária e lábil, do contexto da obra camoniana, figuram no Dicionário extensos verbetes sobre os grandes movimentos da cultura, das ideias e das artes que modelaram o tempo histórico de Camões: Humanismo, Renascimento, Petrarquismo, Neoplatonismo e Maneirismo. Estes conceitos histórico-culturais, filosóficos e estético-literários representam elementos fundamentais da configuração e da dinâmica do campo literário contemporâneo do Poeta.

A fim de proporcionar ao leitor uma representação mais minudente desse campo literário, foram incluídos no Dicionário artigos sobre escritores coevos de Camões, com alguns dos quais o Poeta manteve comprovadamente relações literárias e pessoais. O seu círculo de amizades e de eventuais inimizades literárias continua a ser, aliás, matéria mal conhecida e controversa, mas é um facto bem significativo que a edição *princeps* d'*Os Lusíadas* tenha vindo à luz despida de quaisquer paratextos de louvor e celebração, como era usual naquela época. A configuração do campo da literatura portuguesa no tempo de Camões seria precária, se não se tivesse em conta a sua inserção numa alargada comunidade interliterária ibérica e, mais latamente ainda, numa comunidade interliterária ibérica com uma influentíssima componente itálica. Daí a existência de artigos dedicados a autores espanhóis e italianos que contribuíram poderosamente para a configuração daquele campo.

O estudo da recepção de Camões, na história da literatura portuguesa e nas principais literaturas estrangeiras, constituiu um dos grandes objetivos do Dicionário. No âmbito da literatura portuguesa, diversos verbetes analisam a recepção da obra de Camões no Barroco, no Neoclassicismo, no Romantismo, no último quartel do século XIX, no Neorromantismo e no(s) Modernismo(s). Os artigos sobre Camões e o cânone literário português, sobre a polémica contra José Agostinho de Macedo e sobre Camões e Fernando Pessoa correlacionam-se estreitamente com aqueles verbetes. Os artigos sobre a recepção de Camões nas principais literaturas estrangeiras proporcionam um estudo pormenorizado da irradiação universal da poesia camoniana, desde as traduções aos comentários, às análises e aos juízos que lhe têm sido dedicados.

A origem e o desenvolvimento plurissecular da camonologia estão contemplados em artigos autónomos consagrados a numerosos camonistas, desde Pedro de Mariz, Manuel Correia, Severim de Faria e Faria e Sousa até Hernâni Cidade, Rebelo Gonçalves, Costa Pimpão, Emmanuel Pereira Filho e Jorge de Sena. Ao longo dos tempos foram os camonistas que, como biógrafos, comentadores, editores, filólogos, historiadores literários e hermeneutas, contribuíram decisivamente para que a obra de Camões fosse difundida, estudada e admirada. Um dos critérios adotados na escolha dos camonistas aos quais foi consagrado um verbete autónomo foi o da não inclusão de camonistas vivos — e existem felizmente muitos insígnis camonistas vivos.

Quando o Dicionário estava já praticamente encerrado, ocorreram dois infaustos acontecimentos que enlutaram a comunidade dos camonistas. No dia 8 de outubro de 2010, faleceu o Doutor Aníbal Pinto de Castro (n. 1938), Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que durante muitos anos regeu com mestria a cadeira de Estudos Camonianos na sua Faculdade e que legou à camonologia um rico e sólido património de investigações coligidas na obra *Páginas de Um Honesto Estudo Camoniano* (Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2007). A doença que lhe ensombrou os últimos anos de vida impediu que redigisse para este Dicionário diversos artigos que generosamente tinha aceitado escrever. No dia 30 de janeiro de 2011, faleceu no Rio de Janeiro o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho (n.1927), Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que desde os anos finais da década de sessenta do século XX se consagrou de modo absorvente ao estudo da lírica de Camões, em particular aos problemas do seu cânone, num extraordinário labor corporizado em numerosos estudos e sobretudo nos volumes da edição da *Lírica de Camões*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ainda não concluída — contribuição inestimável para o conhecimento do texto da lírica do Poeta. Felizmente, o Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho ainda pôde enriquecer e honrar este Dicionário com a sua colaboração.

Como responsável pela coordenação do *Dicionário de Luís de Camões*, cabe-me a conceção e a planificação da obra. Como sempre acontece, entre o modelo ideal projetado e a sua realização prática medeia uma inevitável distância. Tenho consciência de algumas limitações e de algumas lacunas do Dicionário, sobretudo em áreas como a historiografia, a geografia, a astronomia e a medicina, relevantes em especial na leitura d'*Os Lusíadas*. Embora o princípio orientador que regeu a conceção e a planificação do Dicionário tenha sido o da primazia concedida ao estudo da obra poética de Camões, não se optou de modo nenhum por uma orientação formalista *stricto sensu*. Em empreendimentos desta natureza, porém, é por vezes difícil encontrar colaboradores

especializados e com disponibilidade de tempo. Numa eventual segunda edição do Dicionário, poderão ser sanadas algumas daquelas limitações e lacunas.

Procurei assegurar a colaboração de camonistas, tanto nacionais como estrangeiros, de várias gerações, com diversas orientações metodológicas, com entendimentos diferentes da obra de Camões, guiando-me tão-só pelo reconhecimento da sua competência e procurando, na medida do possível, adequar os verbetes solicitados à especialização de cada um. Apenas em dois casos, se a memória não me traiçoa, os colaboradores convidados não puderam aceder à minha solicitação, por motivos de saúde e por outros compromissos inadiáveis de trabalho académico. Impressionou-me muito o modo como praticamente todos, com as duas exceções referidas, aceitaram com entusiasmo colaborar neste projeto. Se necessário fosse, esta é mais uma prova de como Camões está vivo e fala à inteligência e à sensibilidade dos nossos contemporâneos.

Respeitei naturalmente a inteira liberdade de cada colaborador na conceção e na escrita dos seus artigos. Camões e a sua obra foram sempre objeto de análises e interpretações diversas, divergentes e muitas vezes contrapostas e é esta pluralidade de vozes filológicas, poetológicas, críticas e hermenêuticas que constitui um dos fascínios maiores dos estudos camonianos. Não se trata de anular o conceito de verdade, nem sequer de o relativizar radicalmente, mas tão-só de reconhecer que a complexidade formal e semântica da poesia de Camões convoca legitimamente diversas propostas de compreensão, explicação e valoração, exigindo dos camonistas um rigor acrescido na fundamentação, na argumentação e na explanação das suas análises filológicas, histórico-literárias, críticas e hermenêuticas. Não é estranhável, por isso, que entre as ideias, as interpretações e os juízos expressos nalguns verbetes de diferentes autores se encontrem hipóteses, teses, propostas e perspetivas não coincidentes e porventura até discrepantes.

Vou mencionar um exemplo concreto relativamente simples. Nalguns artigos, encontrará o leitor a expressão «*concílio* dos deuses» — deuses olímpicos e deuses marinhos — e noutros encontrará a forma «*consílio* dos deuses». A palavra *consílio* ocorre uma única vez n' *Os Lusíadas* (I.20.3) — «Quando os Deuses no Olimpo luminoso, / onde o governo está da humana gente, / se ajuntam em *consílio* glorioso» —, aparecendo assim grafada em todos os exemplares da edição de 1572. A forma *concílio* não ocorre no poema. Em latim, a palavra *consilium*, derivada do verbo *consulere*, significa conselho, assembleia de consulta, aconselhamento e deliberação. A palavra *concilium*, relacionada com o verbo *calare*, significa reunião, ajuntamento, assembleia, nos quais se toma uma deliberação, sendo usada sobretudo no domínio eclesial. Como se conclui, o conteúdo semântico dos dois vocábulos é muito semelhante, sendo de relevar apenas como fator distintivo o uso prevalente de *concílio* na linguagem da

Igreja Católica. Por isso, alguns editores d' *Os Lusíadas* — Faria e Sousa, Barreto Feio, Cláudio Basto e Hernâni Cidade, por exemplo — adotam a palavra *concílio*, ao passo que outros editores — e.g., Epifânio Dias, José Maria Rodrigues, Costa Pimpão, António José Saraiva, Emanuel Paulo Ramos e Sílvio Elia — utilizam o vocábulo *consílio*. Tendo em consideração que esta é uma forma registada em todos os exemplares conhecidos da edição *princeps* d' *Os Lusíadas* e que não existem razões de ordem semântica que contrariem tal uso, também eu defendo a utilização da forma *consílio* (a qual, como anota José Maria Rodrigues, figura no prólogo da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, coevo de Camões, no sintagma «o grave consílio dos Deuses»). Não me esqueço, todavia, de que eminentes classicistas e camonistas como Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira utilizam nos seus estudos a forma *concílio*.

Agradeço aos colaboradores a confiança que lhes mereceu este projeto e o modo generoso como nele participaram. O seu saber e o seu labor é que permitiram tornar realidade o *Dicionário de Luís de Camões*.

Devo um agradecimento especial a José Manuel Mendes, porque foi ele, alguns anos atrás, a voz persuasiva que me lançou o desafio desta tarefa camoniana agora concluída.

Agradeço a Zeferino Coelho e a Laura Mateus Fonseca o empenhamento, o desvelo e a competência com que acompanharam o desenvolvimento e a concretização deste projeto editorial.

E por último — só na sucessão dos parágrafos... —, agradeço à minha Mulher o devotado apoio que me prestou na realização deste sonho.

Braga, 31 de março de 2011
Vitor Aguiar e Silva

Colaboradores

- Abel N. Pena — Universidade de Lisboa
Apolo (Mito de); Musas (Mito das)
- Aires A. Nascimento — Universidade de Lisboa
Humanismo
- Albano Figueiredo — Universidade de Coimbra
Cancioneiro Geral de Garcia de Resende; Poesia peninsular do século xv e Camões (A)
- Amadeu Torres — Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho
Traduções latinas d'*Os Lusíadas*
- Ana Filipa Gomes Ferreira — Universidade de Lisboa
Bernardes, Diogo
- Ana María García Martín — Universidade de Salamanca
Bilinguismo literário luso-castelhano no tempo de Camões; Uso do castelhano na obra de Camões (O)
- Ana María S. Tarrío — Universidade de Lisboa
Meneses, João Rodrigues de Sá de
- Ángel Marcos de Dios — Universidade de Salamanca
Boscán, Juan; Garcilaso de la Vega; Montemayor, Jorge de
- Anne Gallut-Frizeau — Universidade de Toulouse Le Mirail
Morgado de Mateus e a edição d'*Os Lusíadas* (O)
- Anne-Marie Quint — Universidade de Paris III
Pinto, Frei Heitor; Receção de Camões na Literatura Francesa
- António Apolinário Lourenço — Universidade de Coimbra
Camões e Fernando Pessoa
- Artur Anselmo — Universidade Nova de Lisboa
Censura inquisitorial na época de Camões (A); Coelho, Manuel; Craesbeeck, Pedro; Fernandes, Domingos; Ferreira, Frei Bartolomeu; Gonçalves, António; Lira, Manuel de; Lopes, Estêvão; Tarrique, Frei António; Tipografia portuguesa no tempo de Camões (A)
- Carlos Ascenso André — Universidade de Coimbra
Degredo (Tema do... na poesia de Camões); *Eneida e Os Lusíadas* (A); Metamorfose (Tema da... na obra de Camões); Ovídio e Camões; Poesia e pintura na poesia de Camões
- Carlos Cunha — Universidade do Minho
Braga, Teófilo (camonista); Comemoração do Tricentenário da Morte de Camões — 1880
- Dinah Moraes Nunes Rodrigues — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio
Cancioneiro de Luís Franco Correa; Gândavo, Pero de Magalhães de; *Rimas* de Camões (*Cancioneiro ISM* e comentários)
- Elias Torres Feijó — Universidade de Santiago de Compostela
Receção de Camões na Galiza

Fernando Azevedo — Universidade do Minho
Camões e a Literatura Infantojuvenil

Fernando Paulo Baptista — Centro de Estudos Aquilinos
Ribeiro, Aquilino (camonista)

Fernando Pinto do Amaral — Universidade de Lisboa
Melancolia

Frederico Lourenço — Universidade de Coimbra
Amor; Gonçalves, Francisco da Luz Rebelo (camonista); Homero

Gilberto Mendonça Teles — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC Rio
Receção de Camões na Literatura Brasileira

Helena Langrouva — Investigadora doutorada pela Universidade Nova de Lisboa
Camões e as Artes; Camões e a Música; Marte (Mito de); Neptuno (Mito de); Orfeu (Mito de); Viagem
n'Os Lusíadas, nas *Rimas* e nas *Cartas* de Camões

Hélio J. S. Alves — Universidade de Évora
Corte-Real, Jerónimo; Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Maria da Conceição F. Pires);
Épica na Literatura Portuguesa do século XVI (A); Epopeia e o poema cavaleiresco no Renascimento (A);
Eveimerismo n'Os Lusíadas; Faria e Sousa, Manuel de; Máquina do Mundo n'Os Lusíadas (A);
Maravilhoso n'Os Lusíadas (O)

Irina Khoklova — Universidade de S. Petersburgo
Receção de Camões na Literatura Russa

Isabel Almeida — Universidade de Lisboa
Cartas de Camões; Cidade, Hernâni (camonista); Correia, Manuel; Maneirismo; Maneirismo em Camões;
Mariz, Pedro de; Morais, Francisco de; Rodrigues, José Maria (camonista)

Ivo Castro — Universidade de Lisboa
Língua de Camões

João de Almeida Flor — Universidade de Lisboa
Receção de Camões na Literatura Inglesa

José Augusto Cardoso Bernardes — Universidade de Coimbra
Adamastor (Episódio do); *Auto dos Anfitriões*; *Auto d'El Rei Seleuco*; *Auto de Filodemo*; Medida Velha;
Pinto, Fernão Mendes; Renascimento; Teatro

José Cândido de Oliveira Martins — Universidade Católica Portuguesa
Amora, António Soares (camonista); Figueiredo, Fidelino de (camonista); *História Trágico-Marítima*
(antiepopéia da decadência do império); Naufrágio de Sepúlveda (Episódio do); Paródias d'Os Lusíadas;
Polémica contra José Agostinho de Macedo

José Carlos Seabra Pereira — Universidade de Coimbra
Augustinianismo em Camões; Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal; Camões e o Neorromantismo;
Inês de Castro (Episódio de)

Juan M. Carrasco González — Universidade da Extremadura (Cáceres)
Bernardim Ribeiro e Camões

Júlia Garraio — Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra
Michaëlis de Vasconcelos, Carolina; Storck, Wilhelm (camonista)

Kenneth David Jackson — Universidade de Yale
Edição *Princeps* d'Os Lusíadas (A)

† Leodegário A. de Azevedo Filho — Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade
Federal do Rio de Janeiro
Métrica em Camões (A)

Luís de Oliveira e Silva — Universidade Nova de Lisboa
Autor e narrador n'Os Lusíadas; Consílio dos Deuses Marinhos; Consílio dos Deuses Olímpicos; Épica e
Império; Fado e Fortuna d'Os Lusíadas; Gama, Vasco da; *Lusíadas (Os)* e *La Araucana*; Vasco da Gama a
D. Quixote (De)

Luís de Sá Fardilha — Universidade do Porto
Cancioneiro da Biblioteca do Escorial; *Cancioneiro de Corte e de Magnates*; *Cancioneiro de D. Cecília
de Portugal*; *Cancioneiro de Évora*; *Cancioneiro do Manuscrito 2209* do Arquivo Nacional da Torre do
Tombo; *Cancioneiro da Real Academia de la Historia de Madrid*; Castro do Rio, Martim de; Lencastre,
D. João de (Duque de Aveiro); Luís, Infante D.; Portugal, D. Manuel de

Mafalda Ferin Cunha — Universidade Aberta
Camões na poesia barroca portuguesa; Quevedo (Castelbranco), Vasco Mousinho

Manuel Ferro — Universidade de Coimbra
Almeida, Manuel Pires de; Boiardo, Matteo Maria (receção em Portugal); Doze de Inglaterra (Episódio dos)

Marcia Arruda Franco — Universidade de São Paulo
Afrânio Peixoto, Júlio (camonista); Cãnone literário português e Camões (O); Desconcerto do mundo (Tema
do... na obra de Camões); Ficalho, Conde de, *Flora dos Lusíadas*; Horacianismo em Camões; Labirintos

Margarida Braga Neves — Universidade de Lisboa
Sena, Jorge de (camonista)

Maria Augusta Lima Cruz — Universidade do Minho
Camões e Diogo do Couto

Maria da Conceição F. Pires — Escola Secundária Gabriel Pereira (Évora)
Crítica camoniana no século XVII (A) (em parceria com Hélio J. S. Alves); Faria, Manuel Severim de

Maria do Céu Fraga — Universidade dos Açores
Armas e letras; Canção; *Cancioneiro de Cristóvão Borges*; *Cancioneiro de Fernandes Tomás*; *Círculo
Camoniano*; *Collecção Camoneana* de José do Canto; Eclogas; Elegias; Epístolas; Odes; Orta, Garcia de;
Pavão, José de Almeida (camonista); Sextina

Maria Helena Ribeiro da Cunha — Universidade de São Paulo
Neoplatonismo de Camões; *Revista Camoniana*

Maria Helena da Rocha Pereira — Universidade de Coimbra
Tradição clássica na obra de Camões (A)

Maria Manuela Gouveia Delille — Universidade de Coimbra
Receção de Camões na Literatura Alemã

Maria do Rosário Lupi Belo — Universidade Aberta
Camões e o Cinema

Maria Vitalina Leal de Matos — Universidade de Lisboa
Biografia de Luís de Camões; *Lusíadas (Os)*; Sá de Miranda, Francisco de

Marina Machado Rodrigues — Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Lírica de Camões: modelo de edição crítica da Nova Escola Camoniana Brasileira; Pereira Filho,
Emmanuel (camonista)

Martim de Albuquerque — Universidade de Lisboa
Conceção do poder político em Camões (A)

- Micaela Ramon — Universidade do Minho
Saraiva, António José (camonista); Sérgio, António (camonista); Sonetos; Sonho de D. Manuel; Tempestade Marítima (Episódio da)
- Ofélia Paiva Monteiro — Universidade de Coimbra
Camões e o Romantismo português
- Paulo de Medeiros — Universidade de Utrecht
Receção de Camões na Literatura Norte-Americana
- Paulo Meneses — Universidade dos Açores
Carvalho, José Gonçalo Herculano de (camonista)
- Pedro Serra — Universidade de Salamanca
Receção de Camões na Literatura Espanhola
- Rita Marnoto — Universidade de Coimbra
Ariosto, Ludovico; Bembo, Pietro; Camões no Neoclassicismo; Castiglione, Baldassare; Hebreu, Leão; Petrarquismo; Petrarquismo em Camões; Retratos femininos na poesia de Camões; Sannazaro, Iacopo
- Roberto Mulinacci — Universidade de Bolonha
Locus amoenus; *Locus horridus*; Oriente, Fernão Álvares do
- Sheila Moura Hue — Universidade Federal do Rio de Janeiro
Castro, Estevão Rodrigues de; *Lusíadas (Os)*, Edição dos «piscos»; Resende, André Falcão de; *Rhythmas* de Luís de Camões (1595); Soropita, Fernão Rodrigues Lobo
- Silvina Pereira — Universidade de Lisboa; Teatro Maizum
Vasconcelos, Jorge Ferreira de
- T. F. Earle — Universidade de Oxford
Ferreira, António e o projeto de criação de um poema épico
- Valeria Tocco — Universidade de Pisa
Lusíadas (Os): tradição manuscrita; Receção de Camões na Literatura Italiana
- Vanda Anastácio — Universidade de Lisboa
Aragão, D. Francisca de; Caminha, Pero de Andrade; D. Maria, Infanta
- Vasco Graça Moura — Escritor
Redondilhas *Sóbolos rios que vão* ou *Sobre os rios que vão*; Retratos de Camões
- Virgínia Soares Pereira — Universidade do Minho
Lusíadas; Luso (Mito de); Resende, André de; Tágides
- Vítor Aguiar e Silva — Universidade do Minho
Actéon (Mito de); Andrada, Miguel Leitão de; Baco (Mito de); Camões e D. Sebastião; *Cancioneiro Hispano-Português* da Hispanic Society of America; *Cancioneiro Juromenha*; *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*; Cânone das *Rimas (O)*; Dias, Augusto Epifânio da Silva (camonista); Forma cancionero e as *Rimas* de Camões (A); Ilha dos Amores (Episódio da); Juromenha, Visconde de (camonista); Pimpão, Álvaro Júlio da Costa (camonista); *Rimas* (ed. 1598); Vénus (Mito de)
- Vítor Serrão — Universidade de Lisboa
Camões e as artes do seu tempo, entre Humanismo e *Bella Maniera*
- Xosé Manuel Dasilva — Universidade de Vigo
Filgueira Valverde, Xosé; Régio, José (camonista)
- Zulmira Santos — Universidade do Porto
Poesia religiosa em Camões (A); Velho do Restelo (Episódio do)



ACTÉON (Mito de). Actéon foi filho de Aristeu e de Autónoe — neto, portanto, de Apolo e de Cadmo — e aprendeu a arte da caça com o centauro Quíron, tendo-se tornado um hábil e apaixonado caçador. O episódio central do mito consiste na metamorfose de Actéon em cervo e na sua subsequente dilaceração mortal por parte dos seus próprios cães. As causas da sua metamorfose e da sua morte são objeto de versões diferentes: segundo alguns autores (por exemplo, Estesícoro), Actéon teria sido punido por Zeus por ter tentado desposar Sémele, amante do senhor do Olimpo; segundo outros autores (Eurípides, Diodoro Sículo), Actéon ter-se-ia jactado de ser mais exímio na arte venatória do que Ártemis; segundo outra tradição, Actéon foi culpado de ter visto desnuda uma das grandes deusas virgens, Ártemis. A mais conhecida e influente versão do mito encontra-se nas *Metamorfoses* de Ovídio (III, 138-252), onde se narra que, após uma jornada venatória, à hora do meio-dia — hora culminante da ardência solar e do desejo erótico —, Actéon entrou num bosque que não conhecia — um espaço com as características do *locus amoenus* — e avistou numa gruta a deusa Diana, que, acompanhada por ninfas desnudadas como ela, tomava banho nas águas cristalinas. Com gritos de surpresa, as ninfas rodearam a deusa, ocultando-a com os seus corpos. Diana, com o rosto tingido de rubor, salpicou com água o rosto e os

cabelos de Actéon e disse-lhe que poderia contar, se fosse capaz, que a vira despojada de roupa. Logo Actéon se transformou em veado e, tendo perdido a voz, embora mantivesse a consciência de si mesmo, após ter visto nas águas o seu rosto cervino e as suas hastes, encetou uma fuga veloz, mas foi alcançado pelos seus cães que, sem o reconhecerem, o despedaçaram e devoraram. Ovídio sublinha que a metamorfose fatal não foi causada por um crime ou por uma culpa de Actéon, mas sim por um erro ou por um delito da Fortuna (nos *Tristia*, II, 105-106, Ovídio reitera este entendimento, explicando de igual modo a *relegatio* imperial que sobre ele recaíra).

Boccaccio narrou o mito na sua *Genealogia dos Deuses Pagãos* (l. V, cap. xiv), concluindo a sua narrativa com uma interpretação alegórica proposta pelo mitógrafo Fulgêncio (século v), que haveria posteriormente de ter grande fortuna: a matilha — o catálogo ovidiano das *Metamorfoses* enumera trinta e oito cães — devorara o património de Actéon e, por isso, se podia dizer que este fora comido pelos seus animais de caça (noutras versões, os cães são substituídos pela multidão de servidores e privados que arruinam a fazenda dos senhores apaixonados pelas aventuras cinegéticas).

A narrativa ovidiana da metamorfose de Actéon está presente como subtexto na *Commedia* de Dante (*Inferno*, XIII, 124-129) e avulta

HEBREU

HEBREU, Leão (Lisboa, 1460-1465/?).

A relação entre Camões e Leão Hebreu reentra no quadro do neoplatonismo camoniano.

Leão Hebreu foi o nome adotado por Judá Abravanel, médico, filósofo e homem de letras nascido em Lisboa no seio de uma família judaica ligada à alta finança e dotada de grande erudição. Seu pai, Isaac Abravanel, era um destacado estudioso do pensamento hebraico, em particular da doutrina talmúdica e cabalística. A família foge de Portugal em 1483, passando para Espanha. Em 1492, Judá Abravanel encontra-se em Nápoles. Sucessivamente, a sua presença está documentada em Génova, Monopoli, Barletta, Veneza, Ferrara e Pesaro, remontando o último testemunho biográfico que lhe diz respeito a dezembro de 1520, em Nápoles. Além da sua obra fundamental, os *Dialoghi d'Amore* (1.ª ed. 1535), um diálogo entre duas personagens, Filone e Sofia, repartido em três livros, escreveu versos hebraicos e, eventualmente, sob sugestão de Gianfrancesco Pico della Mirandola, um tratado *De Coeli Harmonia*, cujo texto anda perdido.

A etiqueta de epígono que, por vezes, lhe é aplicada, carece de precisão. Os *Dialoghi d'Amore* são um livro complexo, enformado por uma argumentação densa e subtil, à qual o teor e a amplitude das áreas culturais envolvidas confere, logo à partida, grande especificidade. Apesar do véu de mistério que envolve a sua elaboração, a obra

encontra-se intimamente ligada ao tecido cultural do segundo quartel do século XVI, em Itália.

Trata-se de um texto inacabado, que não terá sido escrito de forma contínua, e cuja cronologia suscita dúvidas. A sua estrutura nem sempre obedece a uma linha unitária e revela certas flutuações de posição, em particular relativamente a Aristóteles. Foi sujeito a interpolações, como o indiciam as referências a S. João Evangelista e a Petrarca. Talvez tivesse sido originariamente escrito em português, em hebraico ou em latim, e depois traduzido em cadeia. A edição de 1535, publicada em Roma, apresenta uma tradução para toscano, com inflexões da zona de Siena e de Arezzo, feita por essa altura. Acompanha, na sua veste linguística, o incremento conferido pelo papa Clemente VII, da família de Medici, ao uso do vulgar italiano.

Das duas grandes tipologias de tratados renascentistas sobre o amor, o tratado de especulação conceptual e o tratado de comportamento, os *Dialoghi d'Amore* inserem-se na primeira. Todavia, depois do grande florescimento do neoplatonismo, em Itália, entre finais do século XV e inícios do século XVI, verifica-se um certo esgotamento de horizontes, sem que se encare, de outro modo, a possibilidade de proceder a uma reforma doutrinária. O continuado exercício do pensamento filosófico, associado ao crescente intercâmbio de ideias entre vários grupos de inte-

lectuais e entre diferentes gerações, levou a uma revivescência do neoplatonismo que superasse o que, nesse contexto, passara a lugar-comum. Uma mais profunda exploração dos meandros da alma e da forma pela qual se pode chegar até Deus, não através do abandono místico, mas através de um amor humano, alcançou grande recetividade no seio de um refinado círculo de eruditos, cujas aspirações iam além do recurso aos códigos literários comumente usados ou do decalque de comportamentos padronizados. Os seus interesses intelectuais visavam um tipo de especulação surpreendente, suscetível de abrir caminho ao desenvolvimento do neoplatonismo por outras vias. Uma delas é, precisamente, a tradição hebraica.

Assim se pode compreender que, em Itália, tivesse sido publicada, até aos finais do século XVI, cerca de uma dezena de edições do tratado de Abravanel, duas das quais batidas pela tipografia Manuzio. Mas, ao tempo de Camões, os *Dialoghi d'Amore* corriam também em castelhano, em latim e em francês. Das traduções quinhentistas para castelhano, Camões teria podido conhecer a primeira, publicada em 1568 (de Guedella Yahia, ou seja, Gedaliah Ibn Jachjah). A delicadeza da matéria nele contida fica patente na prescrição de expurgo, *principalmente de fábulas judaicas e platónicas*, imposta pelo *Catálogo dos Livros que se Proibem*, de 1581. É possível que se visasse a tradução castelhana, mas desde o *Index* de 1561 que se arrolava um Leo Iudas.

Antes de Teófilo Braga, nem Faria e Sousa, nem outros comentadores incluíram Leão Hebreu entre as fontes camonianas, e, no *Dicionário Bibliográfico Português*, são-lhe dedicadas umas escassas linhas. A partir da menção de Teófilo, que fica contida num ensaio já tardio, e cuja fundamentação não é explicitada, começaram então a surgir referências dispersas a essa possível relação, que ora a apoiaram, ora a circunscreveram, ora a interrogaram.

As questões sistémicas que dizem respeito à relação entre Camões e Leão Hebreu incidem, primordialmente, sobre a congruência entre quadros de pensamento, o que é indissociável das respetivas fontes doutrinárias, e sobre o correlato conceito de amor. A partir daí, poder-se-ão considerar textos e passos específicos da obra camoniana, mas sem nunca perder de vista que a

diversidade de situações e posicionamentos inerente a esse paralelo impede generalizações. Além disso, trata-se da tradução de uma linguagem filosófica através de outra linguagem de índole diferenciada, com códigos literários próprios, nas suas implicações periodológicas, genológicas, linguístico-retóricas e idiolectais. Camões nunca mencionou Leão Hebreu, e não foram identificadas, nos seus versos, citações dos *Dialoghi d'Amore*.

O tratado tem por fontes os filósofos helénicos, com relevo para Platão e Aristóteles, os peripatéticos, os pré-socráticos, os epicuristas e os estoicos, mas também Plotino, Ptolomeu e a poesia grega, em particular a homérica. Quanto aos pensadores do Renascimento italiano, destacam-se Ficino, Pico e Pontano. Além disso, retoma a escolástica islâmico-judaica e latina, a cabala, os escritos herméticos e os textos sagrados, ao mesmo tempo que acompanha o coevo desenvolvimento da tradição hebraica, em Itália, com Elia del Medigo e Iohanan Alemão. Por conseguinte, o neoplatonismo é, para Abravanel, a grande plataforma que lhe permite intersetar filões cuja conciliação, até então, não fora empreendida. Tal como Ficino e o círculo florentino tentaram integrar neoplatonismo e cristianismo, assim o autor dos *Dialoghi d'Amore* se propõe conciliar neoplatonismo e hebraísmo.

No plano sistémico, a componente judaica não se inclui numa possível junção entre Camões e Abravanel, o que limita, à partida, o alcance de um relacionamento estruturante. A partir daí, ficam em aberto, porém, várias possibilidades de confronto, inerentes à referida plataforma neoplatónica e à conceptualização amorosa. Todavia, dada a sua amplitude, haverá que ter em linha de conta eventuais fontes comuns.

No cerne da sua conceção de mundo, Leão Hebreu coloca o amor, enquanto força cósmica aglutinadora dos elementos. Sendo irradiação da inteligência divina, que atinge sempre um novo grau de perfeição na escala dos seres, perpassa o mundo intelectual e o mundo corpóreo. Por amor, o inferior une-se com o superior, o espiritual com o corpóreo, o eterno com o corruptível e o universo com o Criador, segundo um princípio de harmonia universal, de racionalidade e de unidade, por entre a diversidade das formas. A criação do mundo, cujos termos são expostos e discutidos no

III Diálogo, a partir de Platão, de Aristóteles e do texto bíblico, é suprema manifestação desse amor. Na elegia *Se quando contemplamos as secretas*, Camões contesta que o mundo tenha sido gerado a partir do caos, «mas só do pensamento casto e puro». Ora, não será necessário evocar Leão Hebreu a propósito desta noção de criação, sendo ela conforme ao *Genesis* e à exegese bíblica. Os termos em que é desenvolvida pela tradição cabalística, também apresentados no III Diálogo do tratado, levam, porém, à teoria dos ciclos da geração, que não parece ter ecos na obra de Camões.

A união de corpo e intelecto através de amor integra-se nessa noção de harmonia cósmica que aproxima Deus e o homem. Aliás, a noção de que a matéria pode não ter uma carga negativa encontra-se também em Proclo, Plotino ou no Pseudo-Dionísio, o Areopagita. Na obra camoniana, são pontuais os momentos em que o amor é representado como força cósmica que concilia corpo e espírito. Um dos pontos em que esse equilíbrio atinge o seu ápice são as trovas à *Bárbara escrava*. Sob a égide de amor, o ser amado, que Abravanel e toda uma longa tradição literária colocam a um nível superior na escala dos seres, o amante e a esfera natural harmonizam-se entre si, através de aproximações e transformações mútuas. Pelo seu distanciamento da normatividade petrarquista e dos códigos comumente usados, sendo vazio numa forma poética tradicional, a redondilha, e pela sua atmosfera exótica, o poema entra em sintonia com o ambiente no seio do qual se processara, em Itália, no segundo quartel do século XVI, o desenvolvimento de novas correntes no seio do neoplatonismo. Trata-se, contudo, de um plano muito geral.

Outro dos momentos em que essa harmonia sobressai, numa conjugação entre elevação através da sabedoria e elevação através do amor, declinada num grande quadro mitológico, é o episódio da Ilha de Vénus, em *Os Lusíadas*. Nos *Dialoghi d'Amore*, sustém-se que o caráter insaciável do amor honesto e do desejo é louvável, pois exprime uma vontade de aperfeiçoamento que também conduz a um mais alto grau de conhecimento. Nesse episódio, depois da união entre as ninfas e os nautas, Vasco da Gama ascende até uma colina onde lhe é dada como prémio a máquina do Mundo, que simboliza uma forma



Retrato de Leão Hebreu

sapiencial superior, de origem divina, conjugando o plano terreno com a plenitude intelectual. A mitologia adquire, nesse quadro, um simbolismo ético, cognoscitivo e estético-teológico, que vai ao encontro das conceções a esse propósito expostas no III Diálogo. Mas se é viável uma remissão para o Boccaccio da *Genealogia Deorum*, a eventual ironia que plasma o episódio decorre de outros parâmetros, como é o caso de Ariosto.

Enquanto processo aberto à efusão do cosmos, o amor é reiteradamente apresentado como desejo de algo deleitável, mas que falta. Camões maneja estes conceitos com grande subtilidade no soneto *Pede o desejo, Dama, que vos veja*. A não satisfação do desejo é, para o poeta, um modo de perpetuar um afeto natural, mantendo-o. Desta forma, a relação entre amor e desejo leva a marca da célebre dialética camoniana, que não se consubstancia numa síntese final, mas perpetua os seus próprios termos, enquanto tal.

Oscilante entre Platão e Aristóteles, Leão Hebreu universaliza o amor como procura do bom e do belo nos corpos sensíveis, levada a cabo pela imaginação, pela fantasia e pela razão intelectual. Nos seres espirituais e incorpóreos, o desejo de união perfeita entre amante e amada

conduz à transformação, conforme se explicita no I Diálogo. Camões, em *Dizei, Senhora, da beleza ideia*, apresenta a formosura da figura feminina em harmonia com o mundo natural, daí decorrendo o próprio conceito de beleza. Ora, nestes termos, a noção de *ideia* tem um lastro platónico vastíssimo e dotado de amplas repercussões literárias, de entre as quais se conta uma fonte primordial de *Dizei, Senhora, da Beleza ideia*: o CLIX soneto de Petrarca, *In qual parte del ciel, in quale ydea*. Aliás, em «Transforma-se o amador na cousa amada, / por virtude do muito imaginar», a transformação dos amantes processa-se, precisamente, por via intelectual, apesar de não ignorar o desejo dos corpos sensíveis. Contudo, nos tercetos, a *ideia* confronta-se com as aspirações do plano sensível e a busca da forma que, segundo Aristóteles, é própria de toda a matéria. A este propósito, tem-se evocado Petrarca, «[...] so in qual guisa / l'amante ne l'amato si trasforme» (*Trumphus Cupidinis* 3.161-162), mas já o misticismo medieval via na transformação através de amor uma experiência alienante.

Para Leão Hebreu, Deus é a causa eficiente, formal e final do universo, que lhe comunica a sua beleza e o guia até à felicidade unitiva com Ele. Todas as coisas derivam, pois, do espírito divino, e a ele aspiram voltar, em busca da perfeição última, num ciclo de processão e retorno que tem por via o amor. Este ciclo, apresentado nos *Dialoghi d'Amore*, revê-se na ode *Pode um desejo imenso*. No entanto, o semicírculo descendente, que vai de Deus até ao homem, não merece relevo, e a ideia de que o desejo queima as nódoas do plano corpóreo, na ascensão perfeitiva, encontra a sua matriz neoplatónica em Marsilio Ficino. Além disso, não deixe de se ter em linha de conta que a ode tem um final disfórico. Também em *Sôbolos rios que vão* se perpetua um processo perfeitivo de ascensão até Deus, mediado por várias noções de origem platónica. Todavia, o poema fica fora da esfera de um neoplatonismo de matriz harmonizante, como o é o de Leão Hebreu, concluindo-se pela renegação do plano terreno.

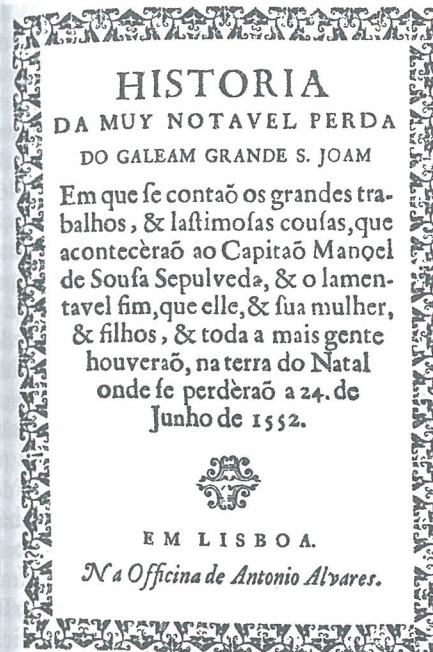
BIBL.: ANDRADE, Mário de, *Camões e o Platonismo (Um Problema de Crítica Literária)*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1926; BRAGA, Teófilo, *Camões. A Obra Lirica e Épica*, Porto, Chardron de Lello & Irmão, 1911, pp. 24-29;

CIDADE, Hernâni, *Camões Lírico*, Lisboa, Presença, 2002, pp. 152-158; LOURENÇO, Eduardo, «Camões e a visão neoplatónica do mundo», *Poesia e Metafísica*, Lisboa, Gradiva, 2002, pp. 55-70; MANUPPELLA, Giacinto *apud* HEBREU, Leão, *Diálogos de Amor*, Lisboa, INIC, 1983, 2 vols.; MARNOTO, Rita, «A ordem dos clássicos e o ruído de fundo», *Sete Ensaios Camonianos*, Coimbra, CIEC, 2007, pp. 7-32; SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, «Amor e mundividência na lírica camoniana», *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, 1994, pp. 163-177.

Rita Marnoto

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA (anti-epopeia da decadência do império). Em pleno reinado de D. João V, ainda sob o influxo de uma cultura tardo-barroca, Bernardo Gomes de Brito publica em Lisboa — oficina da Congregação do Oratório, 1735-1736 — os dois primeiros volumes (previam-se mais três) de uma antologia de naufrágios, sucessivamente reeditada até aos nossos dias e intitulada *História Trágico-Marítima, em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*. Recolhendo e ordenando cronologicamente uma dúzia de relatos de naufrágios ocorridos sobretudo na longa e difícil «carreira da Índia», a obra do erudito setecentista reafirmava o interesse histórico-literário, a notável popularidade e o sucesso editorial dessas relações de viagens atribuladas e desastres marítimos. Esses relatos foram originalmente publicados a partir de meados de Quinhentos e durante o século XVII, sob a forma de folhetos de cordel — edições hoje muito raras —, constituindo uma obra com diversas edições (1904-1909, 1936-1937, 1942, etc.), traduções e estudos críticos de António Sérgio, Rodrigues Lapa, Damião Peres, Georges Le Gentil, Charles Boxer, Giulia Lanciani entre tantos outros.

Num misto de crónica e de reportagem jornalística *ante litteram* — «relatos quase jornalísticos» (João Gaspar Simões) —, normalmente assinadas por autores mais ou menos conhecidos, as relações de naufrágio conheceram uma enorme circulação editorial e desencadearam apreciáveis sentimentos de comoção universal. Num *topos* recorrente, implícita ou expressamente, a vivacidade e o dramatismo dos relatos transmitia a constante ideia de realismo dramático e cinético,



Frontispícios de edições quinhentistas do relato do Naufrágio de Sepúlveda

* História da muy notavel perda do Galeão grande sam João. Em q se contam os innuméraveis trabalhos 7 grandes desaventuras q aconteceram ao Capitão Manoel de Soufa de Sepulveda.



* E o lamêtauel fim q elle 7 sua molher 7 filhos 7 toda a mais gente ouuerão.

* O qual se perdeo no anno de. M. D. Lij. a vinte 7 quatro de Junho, na terra do Natal em 1552. graos.

face à novelística da época e mesmo à tradicional literatura de viagens, ora mais factual ora mais dada a *mirabilia*. Por isso, não surpreende que historiadores da ficção portuguesa vejam nestes relatos (centrados nas tragédias ocorridas nos «cruéis mares») obras-primas da prosa portuguesa, realçando o pioneirismo da *História Trágico-Marítima* e a sua vertente realista e testemunhal.

Configurando um género literário específico da literatura de viagens (ou um subgénero menor do género cronístico), estes relatos de naufrágios eram estruturados por um modelo diegético relativamente uniforme, dotado de uma poética e retórica próprias (ver LANCIANI 1979; ARAÚJO 2002). Género marginal em relação ao sistema literário instituído, destaca-se especialmente ao nível da estrutura do relato de naufrágio a sua previsível disposição retórica (do *exordium* à *conclusio*). Ao mesmo tempo, este homogéneo *corpus* de relações de naufrágios (sobretudo o chamado Naufrágio de Sepúlveda) desencadeou uma notável fortuna literária e artística, inspirando, ao longo dos séculos, dentro e fora de Portugal, um variado conjunto de poetas, ficcionistas, dra-

matargos, pintores, músicos, etc. (de Fernando Lopes Graça a Paula Rego). Não restam dúvidas de que a representação trágica de viagens dramaticamente interrompidas singularizou este tipo de relatos de naufrágios, no contexto muito rico da chamada literatura de viagens, potenciada pela empresa expansionista de Portugal.

Simbolicamente, o naufrágio é metáfora recorrente da vida humana, como se lê nas frequentes reflexões insertas nestes relatos. Como seria de esperar, a temática e a tópica destas narrativas coligadas por Bernardo Gomes de Brito são filhas do seu tempo. Compreensivelmente, os relatos contidos nesta coletânea da *História Trágico-Marítima* apresentam-se eivados por uma mundividência maneirista ou mesmo barroca, sobretudo quando insiste nos tópicos da funcionalidade pedagógico-moral deste género, alicerçada na conceção religiosa da efemeridade da condição humana (MONIZ 2001). Ser em viagem (*homo viator*) pelas provações, calamidades e misérias deste mundo, o homem deveria ter aguda consciência do pecado e da efemeridade da existência humana (dialética crime/expiação); e, ao mesmo